

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FOSSAS, FORNOS, SILOS E OUTROS MEIOS DE PRODUÇÃO: ACERCA DA IMPLANTAÇÃO DAS PRÁTICAS PRODUTIVAS NO NEOLÍTICO ANTIGO EM PORTUGAL

Mariana Diniz / UNIARQ/FLUL; AAP / m.diniz@fl.ul.pt

RESUMO

Apesar da revolução empírica que reconstruiu nas últimas décadas, em Portugal, o registo arqueológico disponível para a análise das sociedades da Pré-história recente, a base de dados relativa às primeiras fases da neolitização foi pouco ampliada e a continuada ausência, ou efectiva escassez, de matéria orgânica nos sítios recentemente identificados torna difícil a reconstituição das primeiras práticas produtivas a partir de indicadores directos. Algumas estruturas domésticas conectadas com a transformação/processamento de produtos através da acção do fogo/calor, registadas em contextos do Neolítico antigo podiam contribuir para este debate, no entanto, e como abaixo se discute, o registo arqueográfico associado a estes fornos/silos em argila não permite a sua conexão imediata a processos derivados da produção de alimentos.

ABSTRACT

Despite the empirical revolution that reshaped in recent decades in Portugal, the archaeological record available for the analysis of Holocene prehistoric societies, the database on the initial phases of Neolithic was only slightly enlarged and the continued absence, or actual scarcity, of organic matter in newly identified sites makes reconstitution of the first production practices from direct indicators difficult.

In this debate, some domestic structures connected with the processing of products through the action of fire and/or heating documented in Early Neolithic contexts could contribute to this discussion, however, and as discussed below, the archaeological record associated with these clay structures does not allow its immediate connection to domesticate products.

1. FOSSAS, FORNOS E SILOS NO NEOLÍTICO ANTIGO: BREVE HISTÓRIA DA INVESTIGAÇÃO

Na reconstrução das paisagens pré-históricas do actual território português, o Neolítico antigo constitui, desde o momento da sua identificação, em 1970 (Guilaine e Ferreira), uma etapa insuficientemente caracterizada, para a qual se dispunha de um registo escasso, proveniente sobretudo de contextos de gruta, com pequenas áreas escavadas, e onde, entre os artefactos, a cerâmica decorada concentrava o essencial da análise (Diniz, 2006/2007).

Neste panorama arqueográfico, os trabalhos da equi-

pa de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines (GAS), na Costa Sudoeste, representam uma ruptura decisiva, com a escavação de áreas muito amplas em habitats ao ar livre, como sucedeu no povoado da Salema, onde são pela primeira vez identificados, em contextos do Neolítico antigo, estruturas domésticas identificadas enquanto “silos” (Silva e Soares, 1981). Estas estruturas sub-circulares, de cerca de 70/80 cm de diâmetro, de paredes em argila, contendo no seu interior termoclastos, associadas a empedrados e lareiras, foram então designadas como “silos”, ainda que a ausência de matéria orgânica tenha impedido uma classificação funcional mais precisa. Neste povoado, a uma indústria de pedra lascada onde são

dominantes as lascas, associa-se uma utensilagem de pedra polida relativamente abundante e um aparelho cerâmico, com morfologias e gramáticas decorativas próprias de uma fase evoluída do Neolítico antigo. Sobre estas estruturas referem, os seus escavadores, que estarão conectadas com a intensificação económica associada ao Neolítico Antigo Evoluído, mas a sua solidão no registo impede outras leituras.

Note-se ainda que a, já endémica, escassez de testemunhos directos de práticas produtivas nos contextos do Neolítico antigo em Portugal, em particular de práticas agrícolas – só muito recentemente ampliada a carta da “agricultura neolítica” com a introdução do povoado do Lapiás das Lameiras e de S. Pedro de Canaferrim – tornava a função destes “silos” em argila, menos óbvia.

Nos finais da década de 90, e nos primeiros anos do novo milénio, a escavação, na área de Évora-Reguengos, no âmbito de distintos trabalhos de minimização de impactos, dos sítios da Baixa do Xarez: Carraça 1, Xarez 4, Xarez 12 e Fonte dos Sapateiros (Gonçalves, 2002, 2003), da Defesa de Cima 2 (Santos e Carvalho, 2007), da Lajinha 8 (Gaspar, 2009), no Nordeste alentejano, do Habitat do Reguengo (Oliveira, 2006), e no litoral estremenho da Cova da Baleia (Sousa, 2008), põe a descoberto estruturas em argila semelhantes às detectadas na Salema e traz, para o debate, novos dados que tornam mais complexo o cenário explicativo. Estas estruturas serão designadas, em função das suas arquitecturas específicas, dos seus conteúdos e de funcionalidades admitidas, como fornos, como fossas ou como silos, numa demonstração clara – não tanto da sua eventual polivalência, que não pode ser descartada, mas sobretudo da sua ambiguidade funcional que não permite designações conclusivas.

Apesar da multiplicação de contextos escavados, a sistemática ausência de materiais orgânicos, ou inorgânicos significativos, no interior destas estruturas com excepção de alguns restos faunísticos e antropológicos provenientes do sítio do Xarez 12, impede uma definição exacta da sua funcionalidade, e abre também questões acerca da cronologia, da localização específica, da associação a outros componentes artefactuais e de aspectos tafonómicos, que importa discutir em torno destas estruturas.

2. FOSSAS, FORNOS E SILOS NO NEOLÍTICO ANTIGO: A COMPLEXA LEITURA DO REGISTO ARQUEOLÓGICO

Condicionantes tafonómicas e metodologias de escavação

O debate aberto, em torno destas estruturas domésticas, está, até à data, condicionado por aspectos ambientais decisivos. A acidez dos solos, que se desenvolvem sobre alguns dos substratos geológicos preferencialmente explorados durante o Neolítico antigo, nomeadamente areias e granitos – substrato geológico dos sítios da Defesa de Cima 2, Lajinha 8, Baixa do Xarez e Habitat do Reguengo – é responsável por processos intensos de lixiviação nestes contextos, cujos elementos da cultura material e estruturas domésticas reflectem ocupações mais ou menos intensas e/ou continuadas mas que, no entanto não possuem um registo orgânico compatível. A baixa densidade destes restos exige o desenvolvimento de metodologias de escavação específicas, com recolha e flutuação sistemática de sedimentos na procura de testemunhos, nomeadamente macro-restos vegetais, que possam reflectir as modalidades de uso destas estruturas. O resultado desta operação não garante a obtenção de dados significativos, como sucedeu na Defesa de Cima 2, mas torna-se, nestes contextos, necessário esgotar as pistas de inquérito. As excepções a este cenário estão documentadas nos sítios da Cova da Baleia, onde foi registada a abundância de carvão no interior destas estruturas, e no sítio do Xarez 12 onde, e para além de uma deposição funerária, foram recuperados alguns restos faunísticos, em diferentes estruturas. A deposição funerária do Xarez 12 coloca imediatas questões acerca da relação efectiva que os contextos deposicionais contendo ossos humanos e ossos, ou conchas, de animais, possuem com o pleno funcionamento destes fornos.

Concentração espacial

Como é visível na Tabela 1, a densidade destas estruturas nos contextos já escavados parece muito variável. Com uma densidade máxima registada no Xarez 12, e mínima registada na Salema, parecem no conjunto definir-se dois grupos: o que apresenta uma elevada concentração espacial de estruturas – Xarez 12, Cova da Baleia, Defesa de Cima; o que apresenta um número muito reduzido destas estruturas, Lajinha 8, Habitat do Reguengo, Salema.

No primeiro grupo, o carácter “industrial” dos sítios parece evidente, e ainda que associadas a outras estruturas de processamento doméstico – empedrados, lareiras, eventuais buracos de poste, estes contextos não possuem estruturas domésticas de tipo habitacional não sendo, ao que tudo indica, povoados, de facto. Para os contextos com menor número de estruturas, a informação disponível é mais escassa, não sendo claro se estão, ou não, efectivamente inseridas num contexto doméstico de natureza residencial.

Arquitecturas e tipologias de silos, fornos e fossas: em positivo, em negativo, ou ambos?

Depois da síntese apresentada por V.S. Gonçalves (2003), acerca dos tipos de fornos e de estruturas de argila presentes nos sítios da Baixa do Xarez, pretende-se aqui discutir, num quadro de referência alargado, alguns aspectos formais que poderão contribuir para determinar as funções desempenhadas por estas estruturas.

Alguns elementos parecem recorrentes, as paredes em argilas – que no acto de escavação permitem identificar estas realidades, mais ou menos espessas, delimitando áreas, que em média oscilam entre os 70/80 cm de diâmetro – as estruturas de 20/40 cm do Habitat do Reguengo parecem uma excepção, e a quase sistemática existência de uma placa térmica que, apresentando uma maior ou menor organização na disposição dos elementos pétreos, é muitas vezes constituída por blocos de granito, de morfologia irregular, e por vezes de média dimensão, como sucede na Defesa de Cima 2.

A estes elementos comuns associam-se elementos diferenciadores, como a topografia destas estruturas: positiva – na Salema, nos povoados da Baixa do Xarez, no Habitat do Reguengo; negativa – na Defesa de Cima 2, na Lajinha 8, na Cova da Baleia.

No caso dos sítios com estruturas de argila, em positivo, não é possível reconstituir a altura original das paredes de argila, de pequena dimensão no entanto, a avaliar pela inflexão de perfil que se detecta a cerca de 15/20 cm, no silo do Q.O6 da Salema (Silva e Soares, 1981, p. 65). Outro caso configuram as estruturas tipo vulcão associadas, no Xarez 12, ao Neolítico final (Gonçalves, 2003).

Para as fases mais antigas, estas estruturas parecem consistir, ou está apenas conservado, no essencial, (n)uma robusta placa térmica, delimitada por uma parede de argila.

Os sítios com estruturas em negativo permitem,

dado o melhor grau de preservação das mesmas, uma reconstituição mais integral das suas formas e dimensão. Excluindo o sítio da Lajinha 8, cujas estruturas não foram ainda objecto de publicação, os dados, já disponíveis para a Defesa de Cima 2, permitem uma primeira caracterização destas estruturas negativas.

Neste sítio, as estruturas de contornos sub-circulares e perfis muitas vezes bitroncocónicos, escavadas, atingindo nalguns casos o substrato geológico, apresentam paredes revestidas a argila alisada, com espessuras da ordem dos 3 cm, e uma placa térmica na base, onde são evidentes os sinais de calor. As profundidades oscilam entre os 60/70 cm, e os diâmetros entre os 60/85 cm. Estas estruturas exibem um grau de elaboração significativo patente no imbricado muito sólido dos blocos, de pequenas e médias dimensões, que constituem a placa térmica, nas paredes de argila alisadas, nos anéis pétreo que delimitam a boca destas estruturas.

No sítio da Defesa de Cima 2, as estruturas negativas evidenciam uma cuidada, e repetitiva, técnica de construção que deve ter sido ditada pela função que desempenharam. As estruturas negativas da Cova da Baleia demonstram uma notável semelhança com as já descritas, e apesar da ausência de uma placa térmica organizada, o enchimento pétreo detectado desempenha o mesmo papel funcional.

Funcionalidades

Como foi atrás brevemente enunciado, definir a funcionalidade, mesmo que múltipla, destas estruturas parece tarefa particularmente complexa, atendendo ao escasso, ou mesmo nenhum, conteúdo que apresentavam no momento da sua escavação, a alguns aspectos arquitectónicos mais ou menos preservados, e a natureza positiva ou negativa das mesmas. As designações dividem-se, foram considerados “silos” as estruturas positivas da Salema e as estruturas negativas da Defesa de Cima 2, foram considerados “fornos” as estruturas negativas da Cova da Baleia, da Lajinha 8, e as estruturas positivas dos povoados da Baixa do Xarez. Qualquer que tenha sido a funcionalidade, forno e/ou silo, destas estruturas, questão que adiante se retoma, a sua semelhança construtiva e o seu número permitem supor a existência de uma especialização funcional, e de uma relativa massificação de uma actividade ainda não percebida.

Fases de ocupação

Estas estruturas em argila estão documentadas em

contextos com distintas fases de ocupação. Com uma diacronia longa de uso dos sítios – de acordo com a tipologia dos materiais e observações estratigráficas – estariam o sítio da Xarez 12 e o sítio da Defesa de Cima 2. Em ambos os casos, está documentada, a partir de fósseis-directores, uma ocupação do Neolítico final, ainda que na Defesa de Cima 2 já sem conexão estratigráfica com as estruturas em argila e, uma ocupação do Neolítico antigo, estando para o sítio de Reguengos, a existência de uma fase mesolítica em discussão. Para o sítio da Lajinha 8, Habitat do Reguengo e Salema têm sido admitida uma fase única de ocupação, nalgum momento do Neolítico antigo e a cronologia da Cova da Baleia está, neste momento, em debate (Sousa e Goncalves, 2011).

Cultura material: a cerâmica

A presença, e a densidade relativa – baixa ou muito baixa – dos materiais cerâmicos, nestes contextos parece um elemento decisivo para a interpretação destas realidades.

Registada no Xarez 12, virtualmente ausente na Cova da Baleia, escassa na Defesa de Cima, elemento minoritário na Lajinha 8, os recipientes cerâmicos não parecem integrar o quadro da utilidade associado às actividades que decorrem em tornos destas estruturas. Os números são expressivos da marginalidade deste artefacto para a leitura funcional destes contextos, em 231 m² escavados na Defesa de Cima, foram recuperados 34 bordos decorados. Na mesma região, no povoado do Neolítico antigo da Valada do Mato, em 59 m², foram recuperados 337 bordos decorados (Diniz, 2007). A cerâmica que tende, em contextos domésticos neolíticos, a constituir a categoria artefactual mais representada é nestes sítios de fornos e/ou silos pouco frequente. Se esta é uma questão estritamente funcional ou se possui, também uma dimensão cronológica é um tópico a discutir.

Cultura material: indústria lítica

Pedra polida e afeiçãoada

Esta é uma categoria de instrumentos mal documentada, nestes sítios, escassa ou inexistente por regra, com excepção do sítio da Salema, até à data, o único destes contextos para o qual é referida a abundância da pedra polida e afeiçãoada.

Este dado aponta para um cenário já antes proposto, acerca das práticas quotidianas das sociedades neolíticas, a da existência de uma efectiva segmentação

espacial da cadeia produtiva (Diniz, 2007, p.179). Esta segmentação traduz-se, ao nível do registo arqueológico, numa relativa especialização de pacotes artefactuais, e na presença/ausência de determinadas utilidades, em função da natureza específica dos sítios. Ainda de forma mais expressiva que os recipientes cerâmicos, machados, enxós e mós não parecem constituir instrumentos fundamentais para o desenrolar das actividades processadas no interior destas estruturas.

Pedra lascada

Esta categoria tecnológica assume-se como um campo fundamental ao nível da classificação cronológica e da interpretação funcional destes contextos, uma vez que a presença de alguns tipos específicos de utensílios pode, em simultâneo, apontar para determinadas etapas cronológicas e/ou quadros funcionais.

Um primeiro aspecto a destacar é o do peso, no conjunto artefactual, da componente de pedra lascada, ao contrário de outros contextos do Neolítico antigo, onde a cerâmica se constitui como o mais abundante elemento do registo. No povoado da Valada do Mato, onde o número de fragmentos cerâmicos é quase o dobro do número de elementos de pedra lascada, desenha-se um gráfico com uma geometria artefactual muito distinta da apresentada para os povoados da Baixa do Xarez, nos quais a pedra lascada atinge os 95% de presenças (Gonçalves et al, 2008). No sítio da Defesa de Cima 2, de que se apresentam os primeiros resultados do estudo em curso, a pedra lascada é também mais abundante que a cerâmica, mas mais significativa que a variável quantitativa parece ser a tipologia dos utensílios presente.

Ao nível da componente geométrica – destaca-se o absoluto domínio dos trapézios sobre lamela – também registado na Lajinha 8, no Xarez 12, e na Cova da Baleia. Os trapézios, ainda que presentes não são, de acordo com os dados disponíveis, o tipo de armadura dominante no Neolítico antigo do Ocidente peninsular, o que torna este um dado excêntrico justificável por aspectos cronológicos e/ou funcionais? Para além dos trapézios, a importância das lascas na Defesa de Cima 2, pode desde já destacar-se a representatividade das lascas sobre quartzo com retoque marginal, e a abundância de entalhes, denticulados e raspadeiras (Fig.1 e Fig. 2)¹, aproxima este sítio dos

1. As figuras que acompanham este texto são da autoria de Diana Nukushina.

quadros já referidos para contextos semelhantes, como é visível na Tabela 1. Esta utensilagem, por norma produzida sobre lasca, em suporte espesso e robusto, faz parte de uma indústria onde núcleos, lamelas e restos de talhe estão bem representados, demonstrando o talhe local de diferentes matérias-primas, mas onde os produtos de quartzo ocupam um lugar de destaque. A indústria de pedra lascada

da Defesa de Cima 2 encontra os mais imediatos paralelos nas indústrias da Lajinha 8 e da Cova da Baleia, nas quais trapézios, lascas retocadas, entalhes e denticulados constituem os grupos mais significativos. Ainda que mal percebido, é seguramente o mesmo quadro de actividades que origina, nestes sítios, uma tão explícita semelhança ao nível das estruturas e dos elementos da cultura material.

Tabela 1 – Tabela Sinóptica de sítios com fornos/silos de argila, no Sul de Portugal.

Cova da Baleia	Sousa, 2008; Sousa e Gonçalves, 2011
Área escavada	500 m ²
Nº de estruturas	78 fornos
Tipologia	Estruturas negativas, revestidas a argila, enchimento pétreo
Conteúdo	Carvão, termoclastos
Cerâmica	Muito escassa, alguma impressa
Pedra lascada	Lamelas, trapézios, entalhes e lascas
Cronologia proposta	Mesolítico
Salema	Silva e Soares, 1981
Área escavada	+ 102 m ²
Nº de estruturas	2?
Tipologia	Silos, estruturas positivas, paredes de argila, base de areia
Conteúdo	Fragmentos cerâmicos, termoclastos
Cerâmica	Abundante
Pedra lascada	Lascas, ausência de geométricos
Cronologia proposta	Neolítico antigo
Lajinha 8	Gaspar, 2009; Gaspar et al, 2009, Endovélico
Área escavada	185 m ²
Nº de estruturas	4
Tipologia	Fornos, estruturas em negativo com o interior revestido a argila, placa térmica
Conteúdo	-
Cerâmica	Escassa, alguma impressa
Pedra lascada	Trapézios, lascas, entalhes e denticulados
Cronologia proposta	Neolítico antigo
Defesa de Cima 2	Santos e Carvalho, 2007, este artigo
Área escavada	231 m ²
Nº de estruturas	21
Tipologia	Silos, estruturas negativas, revestidas a argila, placa térmica, blocos de granito de médias dimensões
Conteúdo	Raros carvões
Cerâmica	Escassa, alguma impressa
Pedra lascada	Trapézios, lascas, entalhes, denticulados, raspadeiras
Cronologia proposta	Neolítico antigo
Xarez 12 – Área 3	Gonçalves, 2002, 2003, Gonçalves et al., 2007
Área escavada	50 m ²
Nº de estruturas	24 fornos
Tipologia	Estruturas positivas, placa térmica sobreposta a uma base de argila, paredes espessas de argila
Conteúdo	Fauna mamalógica, fauna malacológica, restos humanos
Cerâmica	Muito escassa, alguma impressa
Pedra lascada	Lamelas, trapézios, lascas
Cronologia proposta	Mesolítico final/Neolítico antigo/Neolítico Final
Habitat do Reguengo	Oliveira, 2006
Área escavada	40 m ²
Nº de estruturas	2
Tipologia	Pequenas estruturas ovóides, positivas, paredes de argila, termoclastos na base
Conteúdo	-
Cerâmica	Frequente, decorada
Pedra lascada	-
Cronologia proposta	Neolítico antigo

3. PARA UMA LEITURA INTEGRADA DE ARTEFACTOS E ESTRUTURAS

Numa leitura necessariamente breve, é de destacar uma questão em aberto: pode interpretar-se a escassez de cerâmica, a indústria de pedra lascada com trapézios, entalhes, denticulados e raspadeiras, documentada na Defesa de Cima 2, como um conjunto especializado do Neolítico antigo – sendo a função do sítio que determina a ausência de outros tipos de material – ou pelo contrário, estas indústrias de pedra lascada estão associadas a outra etapa anterior – do Mesolítico? e nestes sítios, ocupados em diferentes momentos, e com sequências estratigráficas por vezes de baixa resolução, a pontual presença de cerâmicas do Neolítico antigo é sobretudo “ruído arqueográfico”, sem conexão específica com o momento de uso destas estruturas de argila, como aliás foi documentado no Xarez 12 (Gonçalves et al, 2008, p. 175)?

Se a questão cronológica não está encerrada, numa perspectiva funcional o panorama não é mais claro. Estras estruturas, inicialmente conectadas a um momento de intensificação das práticas produtivas, não foram, no entanto associadas ao processamento de qualquer produto em particular. A, já mencionada ausência de matéria orgânica, não permite classificações funcionais definitivas e a própria duplicidade de designações forno/silo demonstra quão pouco óbvia permanece a sua utilização. Estruturas seguramente polifuncionais – como parece próprio destas sociedades – no entanto a tipologia dos materiais de pedra lascada, presentes nos sítios onde estas estruturas surgem em maior concentração, sugere pelo contrário uma especialização funcional – e uma relativa “industrialização” de uma actividade ainda não identificada. Registe-se que qualquer que seja a cronologia de utilização destas estruturas, mesmo quando indiscutivelmente neolítica, não está associada ao uso sistemático de recipientes cerâmicos.

O carácter industrial destas ocupações, ainda que se considere que nem todas estas estruturas funcionaram em simultâneo, é um elemento a destacar, uma vez que nos sítios mais amplamente escavados – Cova da Baleia, Xarez 12 e Defesa de Cima 2 – não foram identificadas outras estruturas habitacionais ou áreas funcionais que remetessem para a diversidade de actividades próprias de um espaço de habitat.

A tratarem-se de estruturas utilizadas por sociedades de caçadores- recolectores, está em causa apenas

o processamento intensivo (?), de produtos silvestres, eventualmente sazonais? No registo etnográfico, estão documentados quadros desta natureza entre caçadores-recolectores complexos (Testart, 1982), ainda que seja, no caso do actual território português, pouco claro qual seria o recurso que está na base deste processo, quer estas estruturas tenham funcionado como fornos, como silos ou em ambos os papéis. O papel destes fornos/silos numa economia de produção de alimentos podia justificar-se no âmbito das actividades de processamento/transformação de produtos de origem cerealífera, e a imagem dos fornos de pão do Magreb parecia constituir o mais imediato paralelo, mas a absoluta ausência de restos orgânicos conclusivos – inclusivamente em contextos onde foi realizada flutuação aos sedimentos provenientes do interior destas estruturas como sucedeu na Defesa de Cima (Santos e Carvalho, 2008), torna menos óbvia a funcionalidade destas estruturas.

A presença de uma placa térmica, na base de uma estrutura de paredes argilosas, podia relacionar estas estruturas com a torrefacção, e conservação do cereal – um processo que prevê uma entrada baixa de oxigénio (Buxó, 1997, p.23), o que seria compatível com a morfologia que apresentam, no entanto a absoluta ausência de qualquer cereal carbonizado no seu interior parece afastar esta hipótese.

Ao mesmo tempo a sua associação, particularmente expressiva nos contextos onde se verificam as maiores concentrações destes fornos/silos, a uma utensilagem lítica, constituída por trapézios, entalhes, denticulados e raspadeiras, que não tem sido conectada com actividades agrícolas, não fornece elementos claros acerca das utilizações específicas destas estruturas.

A questão dos trapézios sobre lamela parece particularmente complexa neste cenário, uma vez que não é claro se o domínio quantitativo deste tipo específico de armadura, tradicionalmente associados à caça, um dos fósseis-directores do Mesolítico, está conectado com um momento cronológico ou se, ao invés é um critério funcional que determina a presença deste tipo nestes contextos.

Entalhes e Denticulados estão classificados enquanto instrumentos destinados ao processamento de madeira e a sua associação aos trapézios apontaria para um lugar de produção de instrumentos de caça. As raspadeiras, conectadas com o tratamento da pele, confirmam esta imagem de área de actividades

próprias de sociedades de caçadores-recolectores. Perante este quadro de actividades, talhe da pedra, produção armaduras, trabalho de madeira, trabalho de pele, que papéis podiam ter desempenhado estes fornos/silos?

Apenas no sítio do Xarez 12, as estruturas positivas tipo forno continham ainda, no momento da escavação, alguns restos faunísticos no seu interior, mas também num caso restos humanos. Estes restos, pouco abundantes, apenas 25 registos de fauna distribuídos por 7 estruturas (Gonçalves, 2003, p. 97), pertencem a espécies silvestres e domésticas. A ser esta a/uma modalidade de uso recorrente podiam associar-se estas estruturas a uma lógica de processamento de recursos com origem nas práticas das sociedades de caçadores do pós-glaciar e que parecem prolongar-se até momentos terminais do Neolítico. Estão, por isso, em aberto as seguintes cenários:

A – estas estruturas de argila e placa térmica/termoclastos são uma realidade associada ainda a economias predatórias – as datas obtidas para a Cova da Baleia e o domínio das armaduras trapezoidais no Xarez 12, mas também na Lajinha 8 e na Defesa de Cima – seriam portanto indicadores cronológicos para os sítios, sendo que, neste caso, a ocupação associado ao Neolítico antigo podia ser pouco expressiva;

B – estas estruturas tipo forno/silo datariam do Neolítico antigo, a escassez de cerâmica nestes contextos, assim como as especificidades da indústria lítica – domínio dos trapézios, associados a entalhes e denticulados, o peso das lascas, seria apenas um reflexo da especialização funcional destes espaços e não de uma cronologia recuada – ficando em aberto a problemática das datações obtidas para a Cova da Baleia;

C – apesar da intensificação/especialização relativa que subjaz a estes contextos, o quadro de actividades associadas a estas estruturas – inclusivamente àquelas de unívoca cronologia neolítica – não parece conectado com a manipulação de produtos domésticos, partindo da leitura dos dados da cultura material: escassa presença de cerâmica, características da indústria de pedra lascada, tipologicamente vocacionada para tarefas recorrentes entre caçadores-recolectores, número pouco expressivo de instrumentos de pedra polida/afeiçoada.

Neste momento, em que não se encontram em escavação contextos com este tipo de estruturas, o que significa que não estão a ser obtidos novos dados, em particular matéria orgânica, que esclareçam questões em aberto, são as análises da componente artefactual – em particular dos elementos de pedra lascada – que poderão fornecer os elementos mais decisivos para a caracterização funcional destes sítios. Aparentemente confirmada a transversalidade cronológica destas estruturas, que não são exclusivas do Neolítico antigo, parece também questionável a sua associação às novas práticas de produção de alimentos. Se os escassos restos faunísticos provenientes dos fornos culinários do Xarez 12 constituírem efectivamente o *segmento arqueológico do mundo real*, estaríamos perante lugares de processamento intensivo de produtos cárnicos, de preparação de instrumentos sobre madeira, com uso atestado de entalhes e denticulados, de produção de armaduras – com domínio claro dos trapézios, e a avaliar pela frequência de raspadeiras no sítio da Defesa de Cima 2, lugares também de tratamento de peles.

Neste cenário, os empedrados registados com frequência nas imediações destas estruturas – Salema, Xarez 12, Cova da Baleia, Lajinha 8, Defesa de Cima 2 – ainda que não conservassem, como no sítio de Vidigal (Straus et al, 1990), os restos faunísticos associados podem ter desempenhado semelhante função, e a realização de análises traceológicas sobre as utensilagens provenientes destes contextos com fornos/silos torna-se decisiva para a continuação deste debate.

BIBLIOGRAFIA

BUXÓ, R. (1997) – *Arqueología de las Plantas*. Barcelona: Editorial Crítica.

DINIZ, M. (2006/2007) – O Neolítico antigo em Portugal. Contributos para uma historiografia do tema. *Arqueologia e História*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. 59/59, p.17-34.

DINIZ, M. (2007) – *O sítio neolítico da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/sul de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 48).

GASPAR, R. (2009) – *Estudo petroarqueológico da utensilagem lítica do sítio arqueológico Lajinha 8 (Évora, Portugal)*. *Análise de proveniências*. Mestrado em Geoarqueologia. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. (Repositório UL <http://repositorio.ul.pt>)

GASPAR, R.; PEDRO, J.; MATA, J. (2009) – Estudo arqueopetrográfico da utensilagem lítica do sítio neolítico da Lajinha 8 (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12, 1, p. 19-33.

GONÇALVES, V. S. (2002) – Intervenções arqueológicas em povoados das antigas sociedades camponesas na área a inundar pela Barragem de Alqueva. Um ponto da situação em fins de 2001. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, 2002, p. 153-189.

GONÇALVES, V. S. (2003) – Comer em Reguengos de Monsaraz. As estruturas de combustão da Área 3 de Xarez 12. In *Muita gente, poucas antas*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia 25), p. 81-100.

GONÇALVES, V. S.; MARCHAND, G.; SOUSA, A. C. (2008) – Mudança e permanência do Mesolítico final ao Neolítico (Reguengos de Monsaraz, Évora, Portugal). In HERNANDEZ PEREZ, M. S.; SOLER DÍAZ, J. A.; LOPEZ PADILLA, J. ed. – *Actas del IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Tomo II. Alicante: Museo Arqueológico de Alicante, II, p. 167-177.

GUILAINE, J.; FERREIRA, O., V. (1970) – Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique française*. 67, 1 Paris. 67, 1, p. 304-322.

OLIVEIRA, J. (2006) – *Património Arqueológico da Coudearia de Alter e as primeiras comunidades agro-pastoris*. Lisboa: Edições Colibri e Universidade de Évora.

TESTART, A. (1982) – *Les chasseurs-cueilleurs ou l'origine des inégalités* Paris: Société d'Ethnographie.

SANTOS, F.; CARVALHO, P. (2007) O sítio Neolítico da Defesa de Cima 2 [Torre de Coelheiros, Évora]. Primeiros resultados, *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, 26, 27 e 28 de Outubro de 2006, Aljustrel, p. 56-68

SILVA, C. T., SOARES, J. (1981) – *Pré-História da área de Sines. Trabalhos Arqueológicos*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.

SOUSA, A. C. (2008) – Arqueologia na A21. Uma análise preliminar dos trabalhos arqueológicos 2004-2007. *Boletim Cultural*. Mafra, p. 411-497.

SOUSA, A. C.; GONÇALVES, V. S. (2011) – *Fire walk with me*. O sítio de Cova da Baleia e as primeiras arquitecturas domésticas de terra e fogo no Centro e Sul de Portugal. 5º Congresso do Neolítico Peninsular. Livro de Resumos. Lisboa, Abril de 2011.

STRAUSS, L., ALTUNA, J., VIERRA, B. (1990) – The Concheiro at Vidigal: a Contribution to the Late Mesolithic of Southern Portugal. In VERMEERSCH, P.; VAN PEER, P., eds. – *Contributions to the Mesolithic in Europe*. Lovaina: Leuven University Press, p. 463-474.

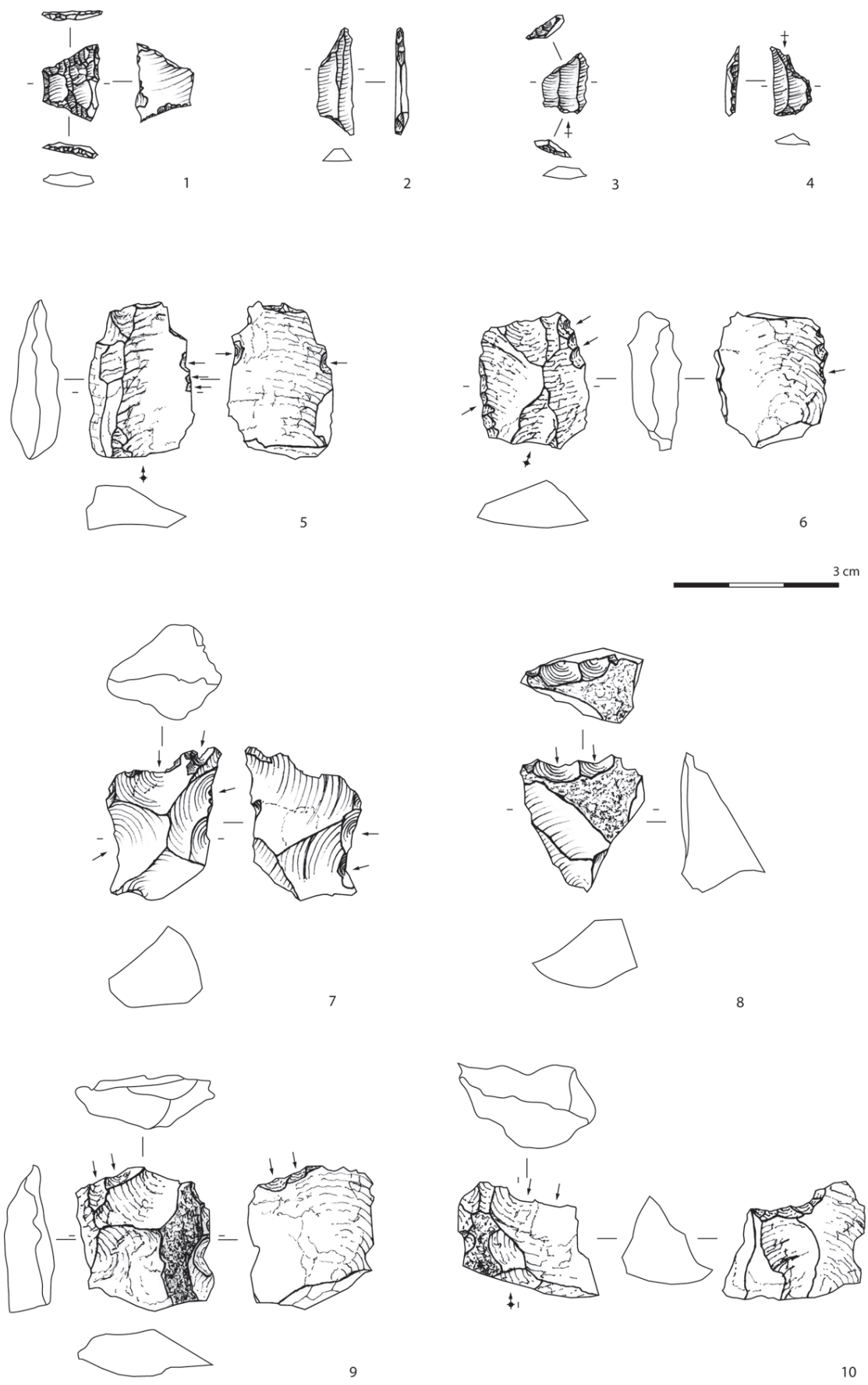


Figura 1 – Indústria de pedra lascada do sítio da Defesa de Cima 2 (Évora): 1-4 –trapézios sobre lamela; 5-10 – entalhes e denticulados sobre lasca.

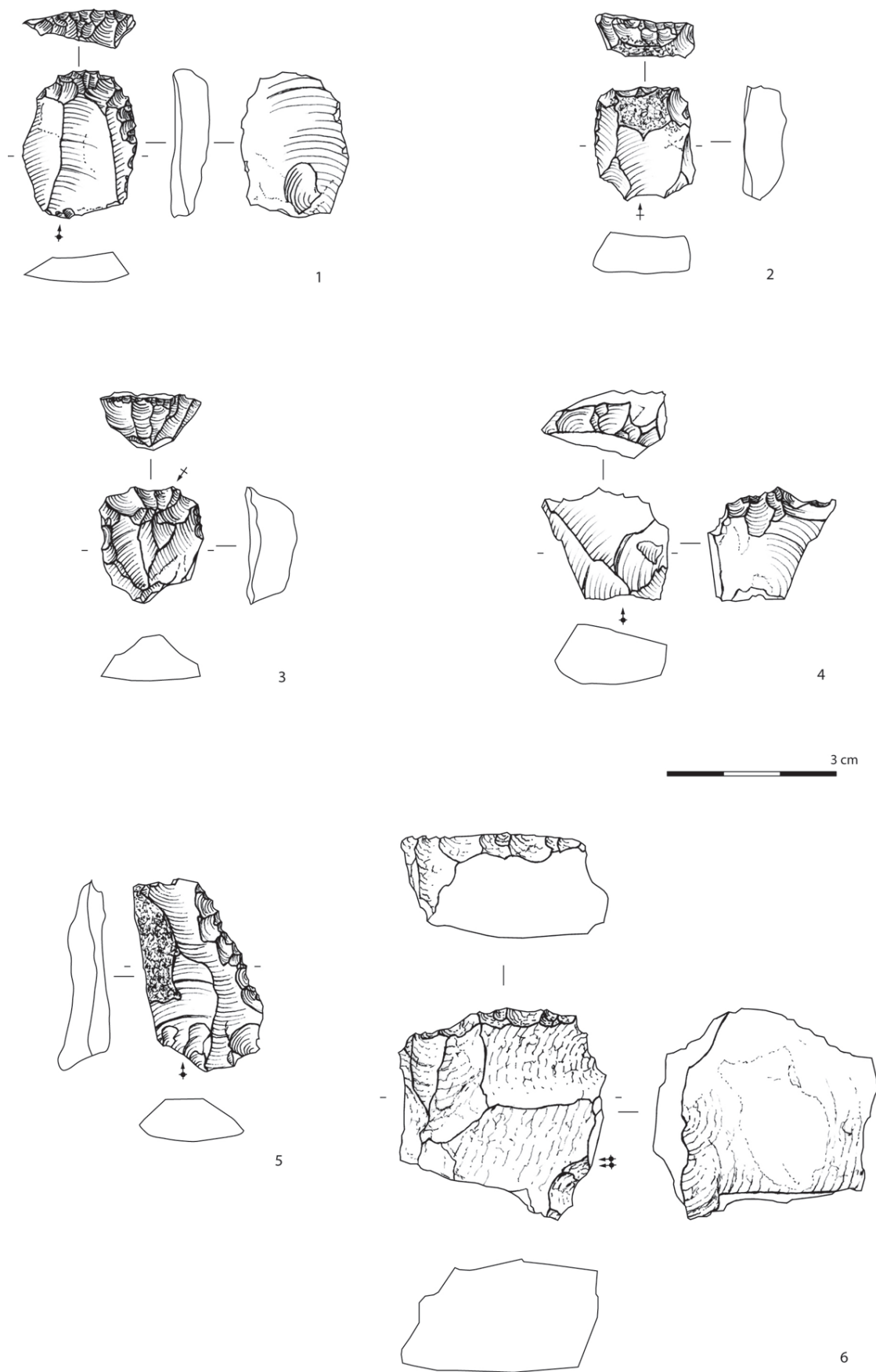
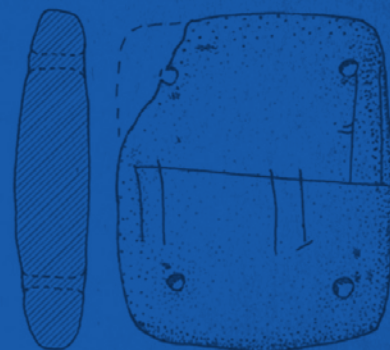
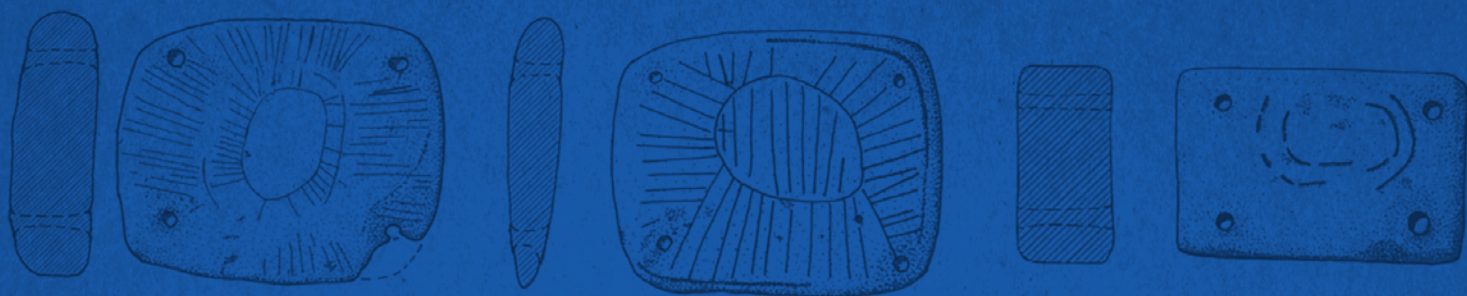
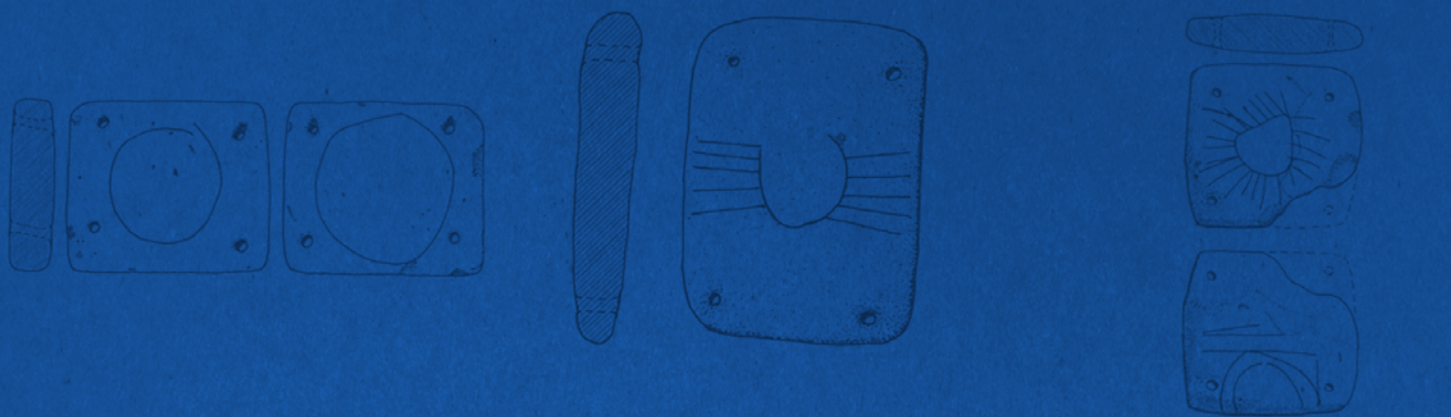


Figura 2 – Indústria de pedra lascada do sítio da Defesa de Cima 2 (Évora): 1-4 e 6 – raspadeiras; 5 – denticulado.

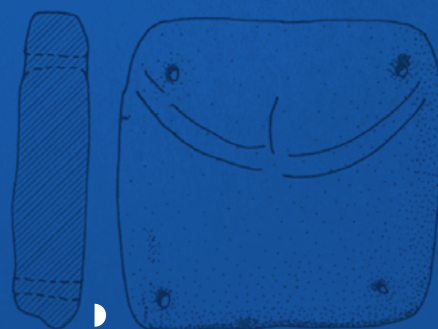


AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua